



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição 8 **matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, quinta-feira, 29 de dezembro de 2011

DIÁRIO DO AMAZONAS Brasil deve ser o 4º maior em e-commerce até 2015 no mundo.....	1
VEICULAÇÃO LOCAL	
O ESTADO DE SÃO PAULO Chineses fazem greve em fábrica da LG	2
VEICULAÇÃO NACIONAL	
VALOR ECONÔMICO Mais um ano de turbulências para a economia mundial	3
VEICULAÇÃO NACIONAL	
DIÁRIO DE PERNAMBUCO Recorde para a indústria	4
VEICULAÇÃO NACIONAL	
CORREIO BRAZILIENSE Saldo da balança comercial encolhe com a queda do preço das matérias-primas	5
VEICULAÇÃO NACIONAL	
AGÊNCIA ESTADO Confiança da Indústria tem primeira alta em um ano	7
VEICULAÇÃO NACIONAL	
CARTA CAPITAL ONLINE Drible nas crises.....	8
VEICULAÇÃO NACIONAL	
G1 - GLOBO Autorizado concurso para 157 vagas no Ministério do Desenvolvimento	11
VEICULAÇÃO NACIONAL	

	VEÍCULO DIÁRIO DO <u>AMAZONAS</u>	EDITORIA
	TÍTULO Brasil deve ser o 4º maior em e-commerce até 2015 no mundo	
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO LOCAL

Lisboa - A evolução do sistema de compras através da internet e o aumento do nível de segurança entre os consumidores colocaram o **Brasil** entre os primeiros da lista de países que mais utilizam o serviço. A constatação foi apresentada em um estudo de projeção do T-Index 2015, no qual o país aparece na sétima colocação e deve chegar ao quarto lugar em 2015.

A pesquisa é um índice estatístico que indica a participação de vendas online de cada país no **mercado** mundial, associando a população na internet ao **PIB** per capita estimado. O **desenvolvimento** deste segmento no **Brasil** deve ser ajudado pela crise mundial, razão pela qual os Estados Unidos e nações europeias devem cair algumas posições nos próximos quatro anos.

No estudo, o **Brasil** aparece entre os dez com maior potencial de vendas pela web, atrás dos Estados Unidos, China, Japão, Alemanha, Reino Unido e França. Em oitavo lugar vem a Rússia, seguida da Coreia do Sul e Itália.

Segundo a projeção T-Index 2015, os Estados Unidos, atual líder em vendas virtuais com participação de 24,4%, será desbancado nos próximos quatro anos pela China.

O **mercado** chinês tem atualmente tem uma fatia de 11,5% do e-commerce mundial, mas em 2015 será responsável por 18,8% dos negócios na web, enquanto a fatia dos EUA será reduzida para 16,8%.

O Japão permanecerá no terceiro posto, porém apresentará uma queda, passando de uma participação de 6,6% em 2011 para 4,9% em 2015.

Já o Brasil, que aparece com participação de 3% aumentará a fatia para 4,3% e também subirá no ranking. A

Rússia deve subir da oitava para a sexta posição com uma variação de mais 27,5%. A França desce um lugar, com uma variação negativa de 2,9%.

O Reino Unido passa do quinto para o oitavo lugar com uma variação da participação de **mercado** de 27% relativamente a 2011.

A Coreia do Sul permanece estável no nono lugar, mas seu market share cairá para 12%. A surpresa pode ser a entrada do México no top 10, ultrapassando a Itália que terá uma variação negativa da sua quota de **mercado** em 2015 de 43,4% relativamente a 2011.

Entre os países emergentes de maior crescimento figuram a China (+63,4%), **Brasil** (+43,3%), Rússia (+27,5%), Índia (+26,6%), Indonésia (+20,8%) e a Turquia (+20%).

O cálculo da projeção supõe uma tendência de crescimento linear para todos os países. Se a China mantiver a taxa de aumento que apresentou desde 2005 até 2009, pode superar os Estados Unidos em 2015.

No entanto, confrontando os dados de 2005 a 2009 com os dos últimos dois anos, a tendência da China parece sofrer uma leve queda que pode influenciar a projeção para 2015.

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Chineses fazem greve em fábrica da LG		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Trabalhadores reclamam que bônus na Coreia do Sul é igual a um ano de salário, enquanto na China equivale a um mês PEQUIM - O Estado de S.Paulo

Cerca de 8 mil funcionários de uma fábrica chinesa de telas que pertence à sul-coreana LG paralisaram parte da **produção**, em protesto contra a política de bônus da empresa. Segundo o grupo China Labor Watch, de Nova York, os trabalhadores entraram em greve segunda-feira na unidade de Nanjing, oeste da China.

O bônus anual pago aos empregados chineses foi equivalente a um mês de salário, enquanto os trabalhadores da Coreia do Sul receberam bônus igual a um ano de salário.

A China tem enfrentado uma onda de protestos nos últimos dois anos. Seus trabalhadores exigem melhores salários e outros benefícios, diante do aumento do custo de vida. A queda da demanda por produtos chineses nos Estados Unidos e na Europa e as medidas do governo chinês para inibir os empréstimos bancários têm levado a cortes de funcionários e pressões para que os empregados remanescentes trabalhem mais.

Os líderes comunistas desencorajam atividades independentes de trabalhadores, mas têm permitido muitos protestos recentes, especialmente em empresas estrangeiras, para que o aumento de salários incentive a demanda interna e reduza a dependência de **exportações**.

Negociação. Os funcionários da LG em Nanjing reuniram-se com a administração, mas rejeitaram uma oferta de aumentar o bônus anual de funcionários chineses para o equivalente a dois meses de salário, segundo a China Labor Watch.

Claire Ohm, porta-voz da LG em Seul, confirmou a disputa trabalhista, depois de a China Labor Watch ter informado que a greve começou na segunda-feira. "**parte da produção** foi suspensa", disse Ohm.

Ela não confirmou o desentendimento sobre bônus como causa da greve, mas informou que a **produção** deve ser retomada hoje. / REUTERS E AP

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO Mais um ano de turbulências para a economia mundial		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Não há qualquer sinal positivo no horizonte para a economia mundial em 2012. O cenário mais provável é o de estagnação econômica na zona do euro, crescimento baixo e relutante nos Estados Unidos, pasmaceira no Japão e redução do dinamismo nos países emergentes, China à frente. As previsões de um crescimento global de 4% feita pelo Fundo Monetário Internacional já parece muito otimista. O Brasil deverá crescer 3,5% pela previsão do Banco Central e de boa parte das consultorias, segundo o boletim Focus.

A zona do euro permanece no centro da instabilidade global. Dois anos após o início da crise da dívida soberana, com a descoberta do estado falimentar da Grécia, as possibilidades de um estilhaçamento da união monetária, acompanhada de uma crise bancária continuam sendo uma ameaça. O destino dos governos que adotaram o euro depende basicamente dos humores de um mercado arisco, enquanto que os clientes potenciais de seus títulos da dívida, os bancos, por seu lado, estão cada vez mais amarrados às linhas de assistência oficiais. Na semana encerrada em 22 de dezembro, o Banco Central Europeu emprestou € 879 bilhões (cerca de US\$ 1,1 trilhão) a mais de 500 instituições financeiras. Não deixa de ser irônico que o BCE tenha se decidido por amparar com auxílio ilimitado os bancos, mas se mantenha dentro da mais pura ortodoxia ao comprar parcimoniosamente títulos dos países em dificuldades. Essa ajuda não será nem infinita nem eterna, pontua Mario Draghi, presidente da instituição.

Se as ações do BCE conseguirem retardar a perspectiva de uma crise bancária no curto prazo, a adoção de programas de ajustes fortes em todos os países da zona do euro não deixa espaço para que o único meio de sair da crise possa acontecer: crescimento econômico. Os governos terão de fazer cortes duros com receitas cadentes, algo que a Grécia foi obrigada a tentar e está fracassando. A emissão de dinheiro barato, 1% ao ano, beneficia os bancos, enquanto que a redução do custo de financiamento dos Estados é vital para dar algum alívio aos países da zona do euro em um ambiente de duro ajuste fiscal. A interpretação corrente no BCE é de que países em dificuldades devem viver a pão e água até que os mercados reconheçam seus heróicos esforços.

É uma receita para uma longa estagnação envolta em grande instabilidade.

Nos EUA, o governo de Barack Obama está impedido de usar políticas de estímulo fiscal para reforçar o crescimento da economia. Até mesmo a permanência de corte de impostos para os assalariados e extensão do seguro desemprego quase não passa pelo Congresso - foi prorrogada por apenas dois meses - com os republicanos há tempos de olho no calendário eleitoral e firmemente dispostos a impedir a reeleição de Obama. A recuperação não está garantida e boa parte dos analistas espera uma expansão em 2012 menor que os 1,8% a 2% de 2011. Do lado da terceira maior economia do mundo, o Japão, só há desapontamentos. A produção industrial caiu pelo segundo mês seguido em novembro, as vendas do varejo estão em declínio e nos últimos dois meses a deflação voltou.

Nuvens negras pairam também sobre a China, até então o único motor seguro de expansão global. A crise europeia roubou exportações do país e o recente aperto monetário teve efeito drástico sobre boa parte do parque manufatureiro de bens de baixa tecnologia. O resultado é que a indústria apresentou contração em novembro, segundo o índice dos gerentes de compras. O governo chinês tenta agora manobrar para reverter a política monetária de apertada para expansionista, em meio a sinais de clara deterioração no mercado imobiliário, que vivia claramente uma bolha.

Não é uma tarefa simples. Em 2008, a China lançou o maior programa de estímulo do mundo e inundou de crédito o país - em dois anos, foram US\$ 5,1 trilhões, se computados os canais informais de empréstimos (Financial Times, 28 de dezembro). Com o início da desaceleração, os calotes aumentaram e há uma montanha de créditos problemáticos nos bancos estatais. Eles seriam algo em torno de US\$ 500 bilhões, segundo os próprios reguladores chineses, ou de até US\$ 2 trilhões, segundo a agência de rating Fitch. O risco de o crescimento chinês cair abaixo dos 9% é grande, assim como suas consequências. Mais turbulências, menos crédito e menos comércio aguardam o mundo em 2012.

	VEÍCULO DIÁRIO DE PERNAMBUCO	EDITORIA	
	TÍTULO Recorde para a indústria		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

A Petroquímica Suape está entre os empreendimentos contemplados pelo Prodepe, em balanço apresentado na ADDiper. Imagem: JULIANA LEITÃO/DP/D.A PRESS

O ano que se encerra foi de recorde para a indústria pernambucana. Na última reunião de 2011, realizada ontem, o Conselho Estadual de Política Industrial, Comercial e de Serviços (Condic) informou que de janeiro a dezembro foram aprovados incentivos fiscais para empreendimentos que, juntos, somam R\$ 6,8 bilhões em aportes. Ao todo, são 124 indústrias conquistadas ou expandindo seus parques fabris no estado, com o apoio do Programa de **Desenvolvimento** do Estado de Pernambuco (Prodepe). Entre elas estão os projetos da Petroquímica Suape e da Companhia Siderúrgica Suape.

"Hoje (ontem) faz um ano que o presidente **Lula** esteve em Pernambuco e, junto com o presidente da Fiat, anunciou a instalação da fábrica no estado. Muita coisa aconteceu, e agora já podemos ver o início da implantação do polo automotivo no estado. Além disso, temos investido para integrar as cadeias produtivas, para que possam fornecer para as indústrias que estão se instalando no estado. É o caso da **produção** de algodão e do polo têxtil", destacou o secretário estadual de **Desenvolvimento** Econômico, Geraldo Júlio, lembrando o programa de revitalização do cultivo de algodão, iniciado em 2011. O balanço foi apresentado na sede da Agência de **Desenvolvimento** Econômico de Pernambuco (AD Diper).

Na reunião de ontem, 42 projetos industriais foram aprovados. Destes, 24 são novos projetos, sendo 13 na Região Metropolitana do Recife, um na Zona da Mata Norte, quatro no Agreste e seis no Sertão. Entre os maiores investimentos aparece a indústria de motores e autopeças WHB Fundação, que vai se instalar em Glória do Goitá, na Zona da Mata Norte. A empresa fará parte do polo automotivo, cujo principal projeto é a fábrica da Fiat, que será instalada no município de Goiana. A WHF deve empregar 2 mil pessoas.

Outro grande investimento é a implantação em Caruaru da indústria de refrigerantes, energéticos, bebidas mistas, salgadinhos e refrescos em pó Cicopal. O aporte é de R\$ 41,4 milhões, com previsão de se gerar 318 postos de trabalho com carteira assinada.

Em Petrolina, o destaque é a Dalka do **Brasil** Ltda, empresa com sede mundial no México que produz caixas d'águas, cisternas e biogestores. A Dalka venceu licitação federal para produzir cisternas do programa de Água para Todos, desdobramento do projeto 1 Milhão de Cisternas. A empresa vai instalar uma fábrica em Petrolina para fabricar as cisternas de polietileno, com aporte de R\$ 12,8 milhões e geração de 44 empregos. A empresa está presente no **Brasil** há 10 anos, com uma fábrica no município de Valinhos, em São Paulo.

Dos projetos aprovados para receberem incentivos fiscais do Prodepe, R\$ 165,5 milhões são para ampliação ou instalação de empresas na Região Metropolitana, enquanto R\$ 418,8 milhões serão destinados para municípios localizados no interior do estado, segundo os membros do Condic.

Balanço 42 foram projetos aprovados na última reunião 24 são novos projetos, sendo 13 na Região Metropolitana do Recife; um na Zona da Mata Norte; quatro no Agreste; e seis no Sertão, num total de 4.241 empregos diretos 124 foi o total de projetos aprovados no ano

R\$ 6,1 bilhões é o total de recursos para a Região Metropolitana do Recife em 2011, com previsão de 5.539 empregos

R\$ 733,8 milhões é o somatório dos recursos para o interior em 2011, com estimativa de gerar 5.724 empregos

R\$ 6,8 bilhões é o valor dos investimentos em 2011

R\$ 1,8 bilhão foi o total dos investimento em 2010 272% é o aumento do volume de recursos das indústrias incentivadas entre 2010 e 2011

	VEÍCULO CORREIO BRAZILIENSE	EDITORIA	
	TÍTULO Saldo da balança comercial encolhe com a queda do preço das matérias-primas		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Dificuldades adicionais para o governo conter o déficit nas contas externas do país. A inversão da tendência de saldos positivos crescentes deverá ocorrer por conta do recuo nos preços internacionais das matérias-primas agrícolas e minerais, influenciadas por uma procura menor da China, maior comprador global desses produtos. Cálculos da Associação de **Comércio** Exterior do **Brasil** (AEB) apontam uma queda de 7,2% nas **exportações** brasileiras no ano que vem.

Se confirmadas as projeções, o país fechará 2012 com um saldo em vendas externas de US\$ 236,58 bilhões, bem abaixo dos US\$ 254,97 bilhões esperados para 2011. Na mão inversa, as **importações** continuarão em alta, atingindo US\$ 233,54 bilhões, ou 2,4% a mais que os US\$ 228,15 bilhões previstos para este ano. Com esses números, o superavit do ano que vem, segundo a AEB, será de apenas US\$ 3,04 bilhões - um tombo de 88,7% em relação ao de 2011.

"Começaremos o ano sob o efeito de uma maior exposição às vendas para a China, da variação dos preços de produtos básicos, como soja e minério de ferro, e da perspectiva de menos **exportações** para a Europa em crise", disse o vice-presidente da AEB, José Augusto de Castro. A seu ver, a economia chinesa é a grande incógnita de 2012 para o **comércio** exterior brasileiro, sobretudo em razão de seu peso sobre as cotações dos principais produtos **exportados** pelo país. "Perdemos a oportunidade de evitar a perigosa dependência das trocas com nosso principal parceiro comercial, virando o jogo a nosso favor. A bola está hoje com os chineses, que não aceitam negociar compensações", avaliou.

As commodities, produtos básicos cotados no exterior, representam 70% das **exportações** brasileiras. Sobre essa parcela da pauta, o governo não tem influência nos volumes nem nos preços. Na avaliação da AEB, as **importações**, constituídas em mais de 80% por manufaturados, poderão ser impactadas pela crise externa, mas apenas superficialmente, considerando que a equipe econômica está adotando medidas fiscais e monetárias para manter a economia aquecida.

Dados divulgados ontem pelo **Ministério** do **Desenvolvimento, Indústria e Comércio (Mdic)** revelam que,

no acumulado do ano, a balança comercial atingiu saldo de US\$ 26,84 bilhões, 43,1% a mais que o apurado no mesmo período de 2010. As **exportações** alcançaram US\$ 250,33 bilhões, alta de 26,4%, e as **importações** subiram 24,7%, para US\$ 223,48 bilhões.

Para Welber Barral, consultor e ex-secretário de **Comércio** Exterior, o cenário é preocupante, mas menos trágico que o desenhado pela AEB. Ele reconhece os riscos da maior vinculação das **exportações** ao apetite chinês e da evolução das **importações**, mas espera que o resultado da balança deste ano se repita em 2012. "O valor das commodities tende a cair, mas não muito, porque serão sustentadas mais pelo consumo crescente de países emergentes do que por especuladores", avaliou. Mas admitiu que, diante do aprofundamento da crise europeia, depender só de um país (no caso, a China) deixou o quadro mais arriscado para o Brasil.

Castro acredita que o atual patamar de câmbio garante alta nas **importações** de manufaturados e cobrou mais ações de defesa comercial do governo. Não por acaso, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, anunciou ontem que o governo vai mudar o regime tributário das **importações** de têxteis. A alíquota dará lugar a um valor fixo em reais. "Tem terno que chega por US\$ 1,50. Isso não paga nem o botão", disse Mantega, em São Paulo, onde recebeu uma medalha de honra ao mérito da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit). O governo pedirá à Organização Mundial do **Comércio** (OMC) que a medida se torne uma salvaguarda por 10 anos.

Peso das commodities

Estimativas reforçam dependência de itens primários no **comércio** internacional

Exportações (em US\$ bilhões)	Produtos	2012	2011	Variação (em %)
107,5	Básicos	121,1	11,2	-
123,7	Manufaturas	128,5	-3,7	
5,3	Outros	5,4	-3,3	
236,6	Total	255,0	-7,2	
Importações (em US\$ bilhões)	Produtos	2012	2011	Variação (em %)
49,9	Bens de capital	48,2	3,6	
104,3	Matérias-primas	102,6	1,7	
44,4	Bens de consumo	40,4	9,9	
34,9	Combustíveis	36,9	-5,6	
233,5	Total	228,1	2,4	
3,0	Superavit (em US\$ bilhões)	26,8	-88,7	

|

	VEÍCULO AGÊNCIA ESTADO	EDITORIA	
	TÍTULO Confiança da Indústria tem primeira alta em um ano		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Daniela Amorim, da Agência Estado

RIO - O Índice de Confiança da Indústria (ICI) subiu 1,1% em dezembro, em relação a novembro, informou há pouco a Fundação Getúlio Vargas (FGV). Com o resultado, o índice registrou sua única elevação em 2011.

O ICI não mostrava resultados positivos desde dezembro do ano passado, quando teve alta de 1,6%. Mas, apesar da variação positiva no mês, o ICI ficou em 101,8 pontos, um resultado ainda inferior à média histórica desde 2003, de 103,9 pontos.

A alta no ICI em dezembro foi inferior à estimada na primeira prévia do índice, divulgada no último dia 22, que previa uma alta de 2% em relação a novembro. No mês passado, o indicador completo mostrou estabilidade (0,0%) em relação a outubro.

A melhora na avaliação dos empresários industriais sobre o momento atual ajudou a impulsionar o ICI. Segundo a FGV, O Índice da Situação Atual (ISA) avançou 1,9%, para 102,4 pontos, após alcançar em novembro 100,5 pontos, o menor nível desde julho de 2009 (96,7 pontos).

A perspectiva sobre o futuro também melhorou em dezembro. O Índice de Expectativas (IE) avançou pelo terceiro mês consecutivo, para 101,1 pontos, uma alta de 0,2%. Para a FGV, a combinação dos resultados sinaliza alguma recuperação do ritmo da atividade industrial no curto prazo.

Em relação ao aumento do ISA, a maior contribuição foi do quesito que mede a satisfação com o nível atual da demanda. O indicador atingiu 104,4 pontos neste quesito, o maior patamar dos últimos cinco meses. A proporção de empresas que consideram forte o nível da demanda atual aumentou de 14,0% para 16,7%, na passagem de novembro

para dezembro, enquanto a parcela das que o avaliam como fraco passou de 11,8% para 12,0%.

Já as expectativas dos empresários industriais em relação aos meses seguintes são mais otimistas em relação às previsões para a **produção** no trimestre de dezembro a fevereiro, do que para as perspectivas de novas contratações no mesmo período ou sobre uma melhora do ambiente dos negócios no médio prazo, de seis meses. Entre as 1.244 empresas consultadas na sondagem de dezembro, 44,8% preveem expandir a **produção** nos próximos três meses (contra 31,9% em novembro), enquanto 17,5% pretendem reduzi-la (contra 5,6% em novembro).

Crise

A indústria nacional foi atingida ao longo do ano pela crise externa. Por conta disso, o governo brasileiro deverá adotar no próximo ano novas medidas de desoneração fiscal e defesa comercial.

Ontem, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, já afirmou que irá à Organização Mundial do **Comércio** (OMC) pedir a mudança no regime tributário de **importação** para produtos têxteis, que era baseado no sistema ad valorem, para o ad rem.

	VEÍCULO CARTA CAPITAL ONLINE	EDITORIA	
	TÍTULO Drible nas crises		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Governo Dilma

O ano de 2011 foi bom para o governo. Mas poderia ter sido melhor. Para a oposição, trouxe principalmente más notícias.

Quando começou o ano, o maior desafio que Dilma Rousseff tinha pela frente era assumir o lugar de Lula e não deixar que a maioria da população, que o aprovava enfaticamente, sentisse saudade. Ficasse com a sensação de haver perdido algo que prezava.

Isso, ela conseguiu e não foi um feito desprezível.

Se Lula tivesse terminado o mandato com perto de 90% de aprovação popular "apenas" pelas realizações objetivas de sua administração, a tarefa de Dilma já seria grande. Mas ele era também um presidente querido. O País sentia por ele afeição, seja pela história de vida, seja por sua capacidade de estabelecer uma comunicação calorosa com o cidadão comum. Para qualquer político, por mais experiente e habilidoso que fosse, seria um problema suceder alguém como Lula. Imagine-se para ela.

No exterior, Dilma é considerada uma **importante** liderança, que assumiu com naturalidade o papel de porta-voz de um Brasil com mais protagonismo. Dentro do País, seu trabalho à frente da Presidência é aprovado por cerca de 80% dos brasileiros. Quatro em cada cinco estão satisfeitos com o que ela faz. Os que reprovam o governo representam algo perto de 10%, um cidadão em cada dez.

Dilma chega ao fim de 2011 com muito que comemorar.

Resistiu ao desgaste de uma série de problemas que começaram em junho, com a demissão do ministro-chefe da Casa Civil, Antonio Palocci, e continuaram durante todo o segundo semestre. Seis ministros acabaram substituídos, quase todos por suspeita de irregularidades, algumas graves, outras menores. Em nenhum episódio foi vista como conivente ou tolerante. Atravessou-os como a maior interessada no seu esclarecimento, como quem queria aproveitar cada um para aprofundar a "faxina" na administração federal.

Enfrentou uma campanha para fazer da corrupção um tema capaz de mobilizar a opinião pública contra o governo.

Não faltaram patrocinadores, das grandes corporações da mídia a algumas associações empresariais e grupos de pressão da direita. Fazia tempo que não se via tanta gente, nos principais veículos de comunicação, batendo, ao mesmo tempo, na mesma tecla.

Reagiu com competência ao agravamento da crise internacional ao adotar políticas destinadas a manter o consumo interno e aproveitar as oportunidades para impulsionar o crescimento da economia brasileira.

A maioria da população esperava que Dilma fizesse um governo de continuidade. Mais da metade votou nela por isso e muitos de seus não eleitores desejavam o mesmo. Não foi, aliás, por outra razão que seu adversário no segundo turno procurou se caracterizar como igualmente comprometido com a preservação do que Lula tinha feito. Enquanto manteve sua campanha em nível racional, Serra bem que tentou assumir o papel. Quem não se lembra dele dizendo que era o "Zé que vai continuar a obra de Lula"?

Prosseguir o trabalho de Lula tinha diversos significados: não interromper políticas claramente vinculadas a ele (como o Bolsa Família, o Prouni, o Minha Casa Minha Vida), insistir em uma política econômica comprometida com a elevação do consumo, continuar o esforço em prol da expansão do emprego e da renda. Se a expectativa era essa, Dilma a atendeu: chegamos ao fim de 2011 do modo como a população, no essencial, queria.

Em relação à economia, as pessoas se sentem razoavelmente tranquilas. De forma geral, acreditam que o nível do emprego será preservado e esperam que as condições da vida familiar melhorem nos próximos meses. A maioria sabe que existe uma crise internacional e se inquieta com ela, e teme a inflação. Mas tende a concordar com o que diz a mídia internacional, que estamos em condições mais favoráveis do que quase todo o mundo para enfrentá-la.

Quem olha as pesquisas de opinião espanta-se com o quase desaparecimento do desemprego como preocupação nacional. Hoje, é significativo apenas em regiões muito pobres, e tende a se tornar o quarto ou quinto no ranking dos problemas do País.

Enquanto permanecem preocupadas com a saúde e a precariedade da infraestrutura de transportes, os principais desafios dos governos, da União aos estados e municípios, as pessoas se interessam cada vez mais pela educação de qualidade. E na maioria tendem a dizer que o acesso a ela melhorou com Lula.

O que é realmente **importante** na avaliação de um governo?

Se o País vai fundamentalmente bem, se o desemprego cai, a educação cresce, existe um programa habitacional de grande escala, a população carente tem acesso a programas de complementação de renda, se as pessoas estão confiantes em relação ao futuro, qual é a surpresa de termos um governo aprovado? Qual o mistério do governo Dilma ser um dos mais bem avaliados do continente?

Há quem se espante com a falta de "indignados" em nossa paisagem política. Sua inexistência é lamentada por alguns, desde os que supõem que o **Brasil** teria uma espécie de obrigação de tê-los, pois estão na moda nos países desenvolvidos, aos que gostariam que enchessem as praças para enfraquecer o governo.

Mundo afora, "indignação" rima com o sentimento de que o governo não responde à população, se coloca contra ela. É esse o combustível que levou tanta gente aos protestos em diversos países. E é o que não temos no Brasil. Salvo as exceções de praxe, a sociedade brasileira não se sente alijada do governo Dilma, não se percebe em antagonismo a ele, não vê a presidenta como inimiga. "Indignar-se" contra quem, se ela é aliada?

Para a maioria, se Dilma tivesse se limitado a continuar o que herdou de **Lula** já estaria bom. Mas não seria justo dizer que o governo só fez isso. Apesar dos problemas do ano, algumas inovações foram ensaiadas. Na área social, com um aprofundamento do Bolsa Família por meio do **Brasil** sem Miséria. Na política econômica, com uma nova política industrial. Recebida com má vontade por alguns setores, ela tem se mostrado correta, exatamente onde tinha sido mais condenada, na indústria automobilística. Ao que parece, terá sucesso na atração de novos investimentos de larga escala.

O ano de 2011 não foi bom para as oposições. A eleição de 2010 havia sido negativa. As vitórias nas disputas esta-duais, onde basicamente mantiveram (ou reconquistaram) alguns governos, não compensaram a terceira derrota para o PT na presidencial, a perda de espaço na Câmara e a

redução das bancadas no Senado. Sua presença na política nacional diminuiu e elas se estadualizaram.

O mau desempenho continuou a provocar consequências ao longo do ano. A mais nítida é o tamanho que alcançou o PSD, criado por Gilberto Kassab com o intuito principal de acomodar a parcela serrista do DEM, mas que cresceu muito além disso. Tornou-se um desaguadouro para diversos tipos de políticos, em especial os que queriam se aproximar do **Governo Federal**. Com isso, de 109 deputados que, juntos, PSDB, DEM e PPS haviam elegido, os três foram a 87. Sua participação na Câmara caiu de 21% para 17%. Somados, ficaram do tamanho que sozinho o PT tem.

No PSDB, esse enfraquecimento foi acompanhado por conflitos internos cada vez mais explícitos. O aecismo venceu o confronto com o que restava da ala ligada a Serra pelo controle da máquina partidária, mas a briga não terminou e vai longe.

Menor e dividido, o PSDB confunde-se na procura de um discurso. Ora se imagina pronto para expressar o "Brasil pós-Lula", ora acha que precisa viver em permanente homenagem às "realizações do governo Fernando Henrique". Não sabe se vai adiante ou se volta atrás 20 anos.

Talvez apenas para consumo externo, suas lideranças dizem crer que sofreram três derrotas para **Lula** por não haver feito a devida valorização da "herança de FHC". Que o erro teria sido não lhe dar o merecido destaque.

A premissa é equivocada. Ao contrário do que pensam, a população conhece e tem uma avaliação da "herança de FHC". Dela inteira e não apenas das partes "boas", como o real, a responsabilidade fiscal, alguns aspectos da política de saúde e de educação. Ela pôs tudo na balança, os acertos e os erros, o lado bom e o mau de Fernando Henrique Cardoso, o que lembrava do **Brasil** que éramos, e fez o julgamento negativo que conhecemos.

Serra e Alckmin sabiam disso e não foi por outra razão que suas campanhas deixaram de lado a rememoração dos governos de FHC (especialmente do segundo). É difícil imaginar que os tucanos sustentem a tese até 2014. Mas, se a levarem mesmo a sério, teriam uma dúvida a menos: o candidato a presidente do PSDB seria óbvio. Se a intenção é reescrever o passado, para valorizar a herança de Fernando Henrique, ninguém melhor que o próprio para fazê-lo. Por que precisariam de um preposto?

O ano de 2012 será de eleições municipais. O que tende a ser positivo para o **Governo Federal** (e os

governadores). O motivo é que o interesse e a atenção da população muda de foco e passa a se concentrar na cidade e seus problemas. Em vez de se preocupar com o que fazem presidente e governador, o assunto principal passa a ser o prefeito.

De FHC para cá, a consequência é que os presidentes sempre melhoraram de avaliação nos anos de eleição municipal. Em 1995, ele terminou com 41% de avaliações positivas, e chegou ao fim de 1996 com 47%. No segundo mandato, o mesmo se repetiu, apesar do patamar mais baixo: teve 16%, em dezembro de 1999, e foi a 24%, um ano depois.

No primeiro mandato de Lula, a melhora entre o fim do primeiro e do segundo ano, quando aconteceu a eleição municipal, foi parecida com a que seu antecessor havia experimentado: as avaliações positivas subiram discretamente, de 42% para 45%. Mas ficou como nunca evidente no segundo mandato: **Lula** tinha 50%, no fim de 2007, e foi a estratosféricos 70%, um ano depois.

As discussões entre os candidatos a prefeito costumam poupar o presidente, pela boa razão de que nenhum quer se mostrar incapaz de dialogar com ele. Preferem se apresentar como tendo "trânsito"- em Brasília, a fim de trazer benefícios

para suas cidades, eles raramente hostilizam quem está no Planalto.

Isso se acentua quando o presidente é popular e conta com a simpatia do eleitorado local. Como aconteceu com Lula em 2008. Ao ver seus índices de aprovação, os candidatos de todos os partidos, inclusive os de oposição, evitaram qualquer crítica ou confrontação com o presidente. O que vimos, ao contrário, na maioria das cidades, foi uma concorrência para escolher o mais lulista.

O resultado foi que **Lula** começou o ano bem e terminou com recordes. Houve uma espécie de "círculo virtuoso", em que a boa avaliação de hoje impulsionava a de amanhã, pois inibia o questionamento. Será que o mesmo vai acontecer com Dilma? Ou ela será a primeira exceção ao que parece ser uma regra de nosso sistema político?

Com uma aprovação superior à de todos seus antecessores em momento semelhante, não há por que esperar que 2012 seja diferente para ela. Se 2011 foi um bom ano para o governo, 2012 tem tudo para ser melhor. ?

	VEÍCULO G1 - GLOBO	EDITORIA	
	TÍTULO Autorizado concurso para 157 vagas no <u>Ministério do Desenvolvimento</u>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Cargo é de analista de **comércio** exterior.

Prazo para publicação do edital será de seis meses.

O **Ministério** do Planejamento autorizou, por meio da Portaria nº 608, publicada no Diário Oficial da União desta quinta-feira (29), a realização de concurso público para 157 vagas de analista de **comércio** exterior para o **Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio**

Exterior. O cargo é de nível superior de escolaridade.

O prazo para a publicação do edital de abertura de inscrições para concurso público será de seis meses, contado a partir da publicação da portaria.

Nesta semana, o **Ministério** do Planejamento autorizou a realização de outros dois concursos: um para 46 vagas na Anatel e outro para 149 vagas no próprio **Ministério**.

veja também Balança comercial tem superávit de US\$ 740 milhões na parcial do mês

Exportações somaram US\$ 5,286 bilhões na 4ª semana de dezembro. Resultado foi divulgado nesta segunda pelo **Ministério do Desenvolvimento**.

Mon Dec 26 2011 12:12:02 -0300 26/12/2011
Exportações reagem e balança volta ao azul na 3ª semana de dezembro

Vendas voltam a ficar acima da média de US\$ 1 bi por dia na última semana. Com isso, balança comercial registra superávit de US\$ 542 milhões.

Mon Dec 19 2011 11:30:48 -0300 19/12/2011
Importação de escovas de cabelo de empresa taiwanesa é barrada

Empresa não comprovou o cumprimento de regras de origem estabelecidas. Desde 2007, há antidumping contra a **importação** de escovas da China.

Fri Dec 16 2011 12:40:34 -0300 16/12/2011 Com alta de **importações**, balança tem déficit na 2ª semana deste mês

Importações superam **exportações** em US\$ 730 mi na semana passada. Com isso, saldo parcial de novembro vira e passa a ficar negativo.

Mon Dec 12 2011 11:24:08 -0300 12/12/2011